

OS NOVOS DESAFIOS DO VELHO CHICO

texto | CAMILA NATALINO FRÓIS fotos | ANDRÉ DIB

Com as barragens de hidrelétricas entre Alagoas e Sergipe, o rio São Francisco ganhou turistas no maior cânion navegável do Brasil mas perdeu os peixes de piracema. O desafio agora é repovoar o Velho Chico com alevinos de cativeiro





SEM PRESSA
O cânion de Xingó, com paredões de até 50 metros, e o trecho tranquilo do Velho Chico (págs. anteriores). Acima, a cidade de Piranhas, ponto de partida para o cânion e suas paisagens

Entre os paredões de granito rochoso, a água cristalina, verde-esmeralda, preenche cada reentrância do oásis do Semiárido nordestino. O capricho da natureza, em 60 milhões de anos, e a mão do homem, na década de 1990, uniram-se num dos mais belos cenários do Nordeste: os cânions do rio São Francisco. São 60 quilômetros de lago entre as usinas hidrelétricas de Xingó, na divisa entre Alagoas e Sergipe, e a de Paulo Afonso, na Bahia. Também conhecido como Xingó, o grande cânion é um dos cinco maiores do mundo e o maior navegável do Brasil.

Com a construção de Xingó, o represamento acabou com a pressa das corredeiras e o Velho Chico agora tem que andar devagar em trechos de até 140

metros de profundidade, ora se espriando, ora se espremendo entre paredões de até 50 metros de altura que parecem talhados à mão. Na porta de entrada da Caatinga, com a Serra do Chapéu ao fundo, o cânion ajuda o rio 100% nacional a recompor forças em sua desafiadora missão de fonte de vida para os sertanejos nos cinco estados por onde passa.

Depois que nasce nas entranhas da Serra da Canastra, em Minas Gerais, o rio ganha volume com a chegada dos afluentes até desaguar no Atlântico, e pelo caminho vai irrigando plantações, abastecendo cidades e inspirando o imaginário popular. É também considerado quase um milagre da natureza, pois faz o capricho de correr ao contrário e se estende do Sul mais baixo para o Norte mais alto devido à falha geológica denominada Depressão Sanfranciscana.

Com os cânions, o São Francisco virou também fonte de lazer. A alagoana Piranhas é um dos pontos de partida dos passeios que levam a lugares como a Gruta do Talhado, um dos trechos mais bonitos do grande lago. O secretário de Turismo Francisco Edson Silva reconhece que, apesar dos vários atrativos da cidade tombada como Patrimônio Histórico Nacional, a oportunidade de navegar no Velho Chico de barco, canoa ou caiaque é o que faz brilhar os olhos dos visitantes de várias partes do Brasil.

Para um contato mais intenso com a natureza vale a pena esticar até o município vizinho de Delmiro Gouveia. Lá, o sertanejo José Francisco, grande conhecedor da caatinga, guia os visitantes em trilhas ecológicas pelo topo dos cânions entre mandacarus, juremas e

O casario do século XIX e a igreja de São Francisco são atrações na rota por terra firme em Piranhas

xiquexique até o Mirante do Talhado. Depois de caminhar em meio a esse típico cenário, este ano marcado pela seca extrema, a vista do lago esverdeado do Xingó emoldurado pelos paredões imponentes parece uma miragem.

É possível também vislumbrar o cenário de ângulos exclusivos, encarando uma escalada, deslizando em uma tirolesa ou pendurado em um rapel nos cânions. Outra opção é se render aos passeios de caiaque embalado pelo ritmo tranquilo da embarcação, em que o silêncio só é interrompido pelo barulho do entra e sai do remo na água. Remando também é mais fácil visualizar nos cânions vestígios



PEIXES
A beleza do rio de águas esmeraldas emoldurado pelos paredões. Na página seguinte, as trilhas revelam a flora da Caatinga. Nas páginas 58 e 59, o repovoamento feito com critérios

dos primeiros habitantes do local, que viveram por lá há mais de 8 mil anos. São pinturas rupestres e fragmentos de cerâmica.

O roteiro é completado em terra firme, em Piranhas, com atrações como a igreja de São Francisco, o colorido casario colonial do Século XIX, ótimos restaurantes e o Museu do Sertão, que guarda fotos, documentos e peças de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, e seu bando de cangaceiros.

O grande potencial turístico que costuma ser símbolo de geração de riqueza, porém, contrasta com os problemas econômicos. Isso porque, ao mesmo tempo que fomentou o turismo, a barragem do Xingó está relacionada à derrocada de uma das atividades-símbolo do São Francisco: a pesca artesanal.

PIRACEMA

Juntamente com outras oito barragens do Velho Chico, a hidrelétrica de Xingó é acusada de ter comprometido a biodiversidade do rio, pois impediu a piracema, alterou o fluxo dos peixes e a qualidade da água, impondo o declínio da variedade de espécies e da quantidade de exemplares.

Como o peixe está na base da alimentação dos ribeirinhos, mesmo com a diminuição drástica da quantidade dos estoques pesqueiros a pesca artesanal ainda é uma atividade comum em vários povoados ao longo do São Francisco, mas em claro declínio ou estagnação.

Entre as mais afetadas em todo o curso do rio estão as chamadas espécies migradoras, como surubim, curimatá-pacu, curimatá-pioa, dourado, matrinxã





FOTOS: CODEVASF/DIVULGAÇÃO



Espécies migratórias de peixes são as mais afetadas pela instalação das barragens das hidrelétricas

e traíra, que dependem da piracema para se reproduzir. Em Piranhas, o chamado pitu, um crustáceo parecido com o camarão, uma das principais iguarias da região, simplesmente desapareceu porque sobrevivia entocado nas pedras dos cânions onde foi construída a barragem. Segundo o secretário de Turismo de Piranhas, “as barragens trouxeram muito desenvolvimento para a região como um todo, mas deixaram problemas graves como essa questão do impacto para a pesca”.

Além da hidrelétrica, programas de incentivo pesqueiro que não levaram em consideração a capacidade de recuperação dos cardumes aceleraram o processo de diminuição drástica dos peixes. No passado, houve inclusive a introdução de algumas espécies exóticas no rio com o objetivo de aumentar a produtividade, entre elas o bagre-africano, a carpa e o

tucunaré, que afetaram o ciclo de espécies nativas.

Com isso, a região do Baixo São Francisco, que já foi considerada a mais abundante produtora de pescado do País, hoje precisa recorrer à importação em larga escala da região Centro-Oeste ou da Amazônia para suprir a demanda de restaurantes à beira do Velho Chico, segundo o engenheiro de pesca Eduardo Mota. Os peixes perderam dois ambientes com condições necessárias para a reprodução: as corredeiras, por causa do barramento, e os ribeirões formados pelas enchentes, por causa da represa de Sobradinho, que retém a água dos afluentes de Minas Gerais. Mota explica também que como a barragem de

ONDE FICA

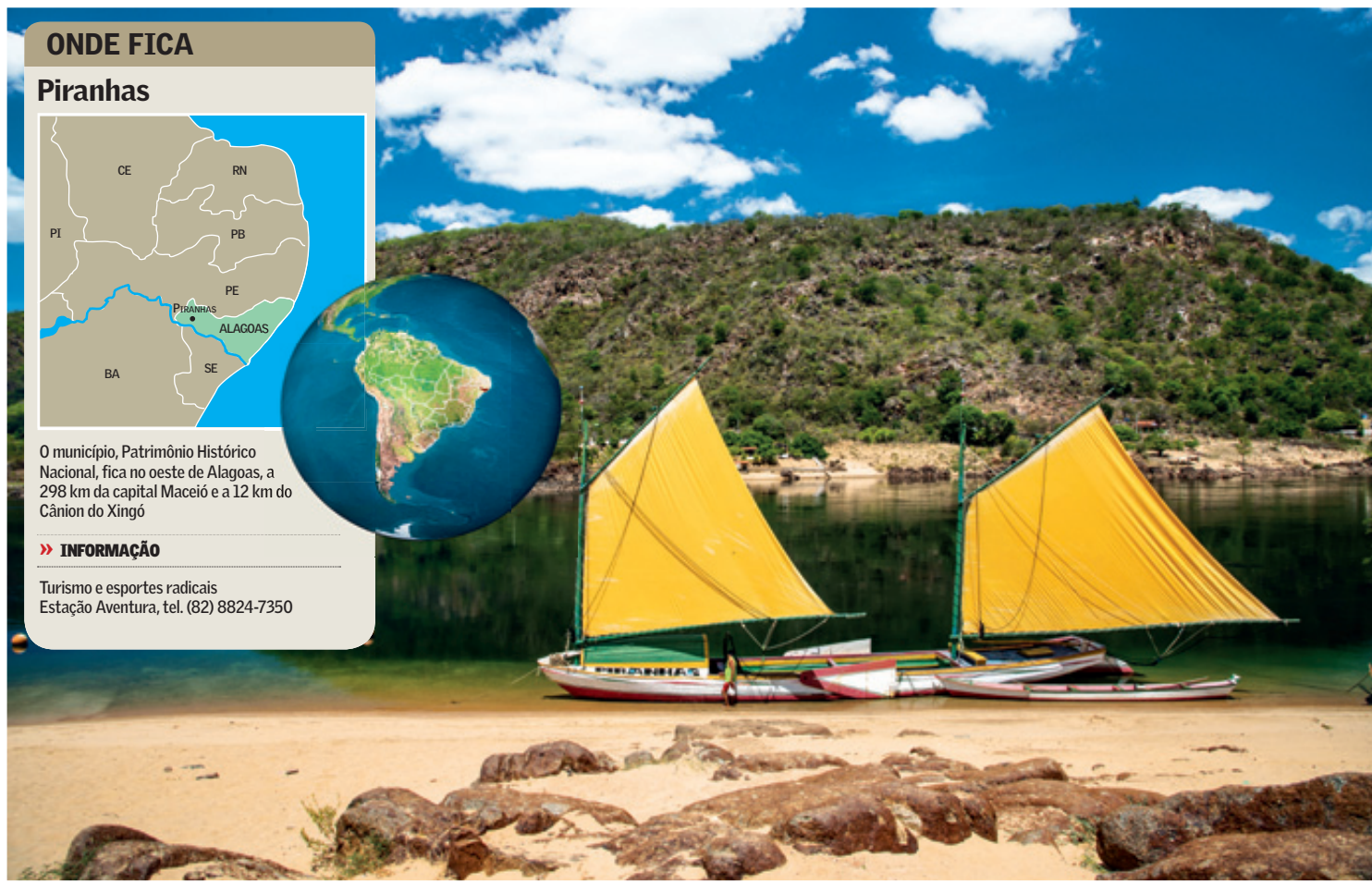
Piranhas



O município, Patrimônio Histórico Nacional, fica no oeste de Alagoas, a 298 km da capital Maceió e a 12 km do Cânion do Xingó

» INFORMAÇÃO

Turismo e esportes radicais
Estação Aventura, tel. (82) 8824-7350



Sobradinho foi construída na década de 1970, em uma época em que a legislação ambiental era menos rígida, não foram previstas estratégias para minimizar esse impacto, como a construção de escadas ou elevadores de peixes para garantir a sobrevivência acima da represa.

VIDA NOVA

Hoje, a solução paliativa para tentar devolver vida ao São Francisco é a reprodução de alevinos em cativeiro para repovoamento do rio. Para isso, a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf) tem desenvolvido, em parceria com a Embrapa, tecnologias inovadoras de reprodução de espécies nativas com a produção de condições artificiais para um processo semelhante à piscicultura.

O analista de desenvolvimento regional

da Codevasf, Thiago Cedraz, explica que com essa estratégia a companhia não se limita mais à criação só de espécies exóticas como a tilápia, que se reproduz com muito mais facilidade em cativeiro mas disputa comida e espaço com as espécies nativas. “A ideia é tentar manter características da biodiversidade do rio”, explica. Entre as espécies nativas criadas destacam-se a matrinxã, o dourado, o surubim e o piaú.

Atualmente, só no Centro Integrado de Recursos Pesqueiros de Itiúba (AL) nascem seis milhões de alevinos por ano, que são distribuídos ao longo do Baixo São Francisco. “A expectativa é que, por meio dessa iniciativa, sejam viáveis a manutenção e o aumento dos estoques pesqueiros, garantindo o futuro da pesca e gerando renda para a população local”, afirma Cedraz.

O engenheiro de pesca Eduardo Mota diz que, do ponto de vista do abastecimento, outra solução encontrada na região foi a piscicultura, com a instalação de tanques- redes para o cultivo comercial de peixes em municípios como Paulo Afonso (BA), que recebeu o apoio da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf) e do Instituto Xingó.

O esgotamento dos estoques pesqueiros, porém, não é o único problema enfrentado pelo Velho Chico. O assoreamento também tem a ver com a dinâmica das barragens e é outro fantasma que assusta quem depende do rio. Calculam-se 18 milhões de toneladas de arraste sólido – principalmente terra, vegetação e entulho – carregados anualmente para sua calha no trecho até o reservatório de Sobradinho. Por isso, segundo Cedraz, além do repovoamento de peixes a

O potencial turístico nos cânions estimula a criação de roteiros únicos pela região, que tem grande valor histórico

Codevasf investe em outras estratégias para a revitalização do São Francisco como a recuperação da mata ciliar e o tratamento do esgoto lançado em suas águas. Segundo o analista, atualmente mais de 70% dos municípios à beira do São Francisco não têm tratamento de resíduos sólidos.

As estratégias de recuperação do rio, no entanto, carecem de estar inseridas em um programa maior e mais abrangente, já que a necessidade da revitalização do São Francisco já é discutida desde o início do século passado, quando já se vislumbrava a necessidade de levar água, desenvolvimento e dignidade para o sertão. 🌱

DIVERSÃO
Praia fluvial atrai turistas que podem vislumbrar vários ângulos dos cânions, deslizando por tirolesas ou pendurando-se em rapel